

OS POEMAS CLÁSSICOS COMO FENÔMENOS CULTURAIS ESTRUTURADORES DO ANTIGO CONCEITO GREGO EDUCACIONAL

JULIANA CRISTHINA FAIZANO MURARI (UEM), JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO (UEM).

Resumo

O presente trabalho destina-se a demonstrar a importância da leitura dos poemas homéricos, *Iliada* e *Odisséia*, para a compreensão do conceito grego de educação. À primeira vista, estas epopeias homéricas aparecem como contos fantásticos, destituídos de qualquer base histórica, mas, quando se procede a uma investigação mais aprofundada, percebe-se que elas são portadoras de certa racionalidade, cuja base são valores éticos, políticos e pedagógicos. No tratamento da questão, a preocupação maior é mostrar que, na antiguidade grega, a tradição poética era exemplificadora de comportamentos e, fundando-se como meio educador, instituiu determinados modos de ser e viver. Abordados de uma perspectiva didático-pedagógica, é possível perceber que esses mitos homéricos tomavam a forma de personagens de extrema bravura, honestidade, sabedoria e um elevado senso de justiça. Heróis, como Aquiles, Ulisses e Heitor, converteram-se em modelos a ser seguidos. Desde pequeno, o homem grego aristocrata aprendia a respeitar os deuses e a crer em seus mitos, particularmente naqueles contidos na *Iliada* e na *Odisséia*. Mesmo que fantásticos, eles eram utilizados para uma formação que lhe conferia o status de cidadão ético, justo e sábio. A leitura desses clássicos na contemporaneidade revela os valores válidos para a sociedade grega daquela época, elucida seus questionamentos e preocupações quanto ao fenômeno educativo. Ainda que se caracterizem pelo fantástico e imaginário, os poemas revelam muito da convivência social grega. A leitura desses poemas, mais do que um entretenimento, deve ser um meio para se chegar ao conhecimento da cultura que, dando origem aos fundamentos da civilização ocidental, é uma herança que ainda se faz presente na atualidade. Em razão disso, considera-se que as obras homéricas são documentos reveladores do pensamento grego arcaico. Por meio de sua leitura, é possível entender o mundo grego e sua cultura e esclarecer alguns de seus conceitos, especialmente o de educação.

Palavras-chave:

leitura, poesia clássica, Homero .

Introdução

Hoje muitos se indagam sobre a importância da leitura dos textos clássicos, questionam sua relevância e colocam em pauta se já não podem considerá-los como obras ultrapassadas; mas quando se trata da Grécia Antiga torna-se inevitável a busca pelo auxílio desse tipo de literatura, especialmente dos poemas homéricos *Iliada* e *Odisséia*. Os poemas épicos homéricos são considerados as primeiras obras de literatura grega e abriram portas para outros grandes poemas clássicos. A constituição do mito - vinculado a um passado de glórias -, associado à escrita, contribuiu decisivamente para a formação da literatura grega, como também para as posteriores composições literárias.

Ainda que esse tema possa despertar múltiplas abordagens, é preciso esclarecer que a preocupação deste trabalho será entender a poesia como fenômeno educador fundamental na Grécia Antiga, onde poesia e educação coincidiam, de modo que cantar e ouvir os cantos dos poetas constituíam um método de ensino e se inseriam em uma relação não de apresentador e ouvinte, mas sim, na de educador e educando.

Nesse sentido, a educação grega buscou organizar um ideal de educação que enquadrasse o homem em uma comunidade, formando assim a idéia de cultura, na qual a educação elaborou todo um significado preñado de sentidos que seriam absorvidos pela cultura ocidental.

Segundo Jaeger (Jaeger, 1986: 4) “toda educação resulta da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana. A educação participa da vida e do crescimento da sociedade, no seu desenvolvimento tanto exterior quanto espiritual.”

Ao abordar neste texto a importância da leitura de tais obras, o nosso objetivo é destacar quão importantes são esses poemas enquanto meios de acesso ao conhecimento das antigas tradições gregas e ao modo como elas se tornaram a base da formação da cultura daquela civilização, a qual serviu de exemplo para muitos povos posteriores, entre eles o nosso.

Não se sabe com certeza quando foram escritas originalmente a *Iliada* e a *Odisséia*, mas no século VI a.C. já havia muitas cópias escritas dos dois poemas, os quais se tornaram extremamente populares e assim preservaram a história da cultura e do ideal educacional da Grécia Antiga, tornando possível que sejam estudados ainda na atualidade. A educação ocidental, desde o seu nascimento até hoje, recebe influências desse modo grego de educar. Tais influências não se restringem ao campo educacional, mas, abrange os da política, da arte e muitos outros.

O surgimento da escrita e a formação histórica da *Iliada* e da *Odisséia*

A *Ilíada* e a *Odisséia*, cuja autoria é atribuída a Homero, são tidas como os mais antigos documentos de literatura grega. Ambas fazem referência a um tempo histórico que compreende o período entre os séculos IX e VIII a.C., em que se destacam como fatos significativos o estabelecimento gradual da *polis* e o domínio da escrita. Esses acontecimentos foram fundamentais na estruturação da *Ilíada* e da *Odisséia*. A discussão sobre esses poemas gregos arcaicos traz como exigência traçar, ainda que resumidamente, um esboço histórico de como se constituiu o povo grego até a formação da cultura micênica, que proporcionou o surgimento dessas epopéias.

Os gregos fazem parte de um conjunto de povos denominados Indo-Europeus, que a partir do terceiro milênio migraram em diversas direções. Alguns deles se direcionaram para a Ásia e outros permaneceram na Europa, tal como afirma Brandão (Brandão, 1997: 45). Essas migrações proporcionaram a independência dos vários grupos assim constituídos, os quais, como nômades, desenvolveram distintas expressões lingüísticas e culturais. No que diz respeito aos gregos e à sua composição, pode-se afirmar que aqueles que habitaram a Hélade e ficaram conhecidos como helenos formaram-se por quatro povos: jônios, aqueus, eólios e dórios. Esses chegaram à Grécia em séculos distintos, tendo cada um deles uma organização social e cultura diferentes.

Dentre esses povos, o que mais nos interessa aqui são os aqueus, que invadiram a Grécia por volta de 1600 a 1580 a.C. Os aqueus dominaram Creta, que era a grande potência política e econômica da época. Os habitantes de Creta, os cretenses, eram o antigo povo jônio, e já tinham desenvolvido toda uma organização social, cultural e política e consideráveis habilidades marítimas, que lhes permitiram relações comerciais muito significativas. Com a invasão de Creta pelos aqueus e a assimilação de sua cultura, origina-se a civilização micênica.

O período denominado micênico é uma subdivisão temporal da chamada Idade do bronze, também conhecida por período Heládico final. Essa cultura desenvolveu-se por volta de 1600 a.C e 1050 a.C, e dominou econômica e culturalmente todos os povos do Mediterrâneo Oriental. Sua mais importante contribuição foi o desenvolvimento do dialeto jônio, que proporcionou o surgimento da *Ilíada* e da *Odisséia*. Os micênicos utilizavam uma forma de escrita denominada Linear B, que foi desenvolvida a partir da

escrita utilizada anteriormente em Creta, conhecida como Linear A. A escrita do período micênico é usada somente para registros, em listas de funcionários ou trabalhadores ou para fins administrativos, como nos assevera Baldry (Baldry, 1969: 29).

Com as invasões dórias, por volta do século XII a.C., a civilização micênica foi destruída e a escrita desapareceu, assim como o comércio e as artes.

Desapareceu a arte da escrita, os centros poderosos ruíram, as guerras insignificantes eram permanentes, tribos e grupo pequenos deslocaram-se dentro da Grécia e para leste, atravessando o Mar Egeu em direção a Ásia Menor, e os níveis material e cultural empobreceram em todos os aspectos, se comparados a civilização micênica. (Finley, 1998: 14)

Os aqueus regressam a Ásia Menor expulsos pelos seus novos conquistadores, os dórios. De acordo com Brandão (Brandão, 1997: 105) os aqueus assim como os jônios e os eólios voltam a Ásia como suplicantes, como imigrantes nostálgicos que cultuavam o seu passado de glórias. Mesmo voltando vencidos a terra que seus antepassados conquistaram, esses povos levavam consigo esse sentimento de orgulho referente às antigas conquistas e ao passado cheio de riquezas.

O período denominado Idade das Trevas da Grécia corresponde a um momento de retrocesso tanto cultural como social ou econômico. Nessa época os poemas homéricos tornaram-se fundamentais na vida cotidiana, enquanto instrumentos para incitar à coragem, à esperança e à preservação de valores tradicionais.

Destarte, foi nesse cenário de conflitos e contradições, próprios de um período de transição, que a *Ilíada* e a *Odisséia* foram transformadas pelos aedos e poetas em veículos das lembranças e do orgulho, remetendo seus jovens a uma descendência heróica da qual eles podiam se orgulhar e que até mesmo servia como acalento em períodos de lutas, de escassez de alimentos ou em condições difíceis de qualquer ordem.

Os poemas homéricos eram transmitidos oralmente, os versos da *Ilíada* e da *Odisséia* foram cantados pelos aedos e pelos poetas, geração após geração, reproduzindo os valores fundamentais para aquela comunidade. Segundo Finley (Finley,

1998: 17), por detrás da *Ilíada* e da *Odisséia* há séculos de poesia oral, composta, recitada e transmitida por bardos profissionais, sem o auxílio de uma só palavra escrita.

Devido a essa oralidade a poesia estava sempre em constante movimento e crescimento, pois cada um que cantava o poema o fazia ao seu particular modo, acrescentando algumas coisas e modificando outras. De acordo com Brandão (Brandão, 1997: 118), a poesia micênica não é, de modo algum, estática. Sem o apelo à escrita, sendo somente preservada pela memória, ela se torna suscetível de mudanças. Nos dizeres de Baldry (Baldry, 1969: 30), a recordação do antigo em conjunção com a necessidade de improvisar um novo material torna-se a característica principal da narrativa de Homero. A estrutura hexâmetra, que possivelmente nunca foi usada na fala corrente, foi adaptada pelos cantores para seguir uma estrutura métrica, resultando no verso hexâmetro.

Vale lembrar que as epopéias homéricas retratam em seus cantos a vida, os costumes, a organização, entre tantas outras características da população micênica, sendo fontes básicas para o estudo dessa civilização. Privilegiadas, neste sentido, são as informações sobre guerreiros e famílias aristocratas que buscavam sua ascendência até um fundador herói ou de procedência divina. Essa atribuição de poder por meio de uma ascendência heróica ou divina pode ser facilmente observável em muitas passagens da *Ilíada*. Segundo Rostovtzeff (Rostovtzeff, 1986: 52), a tradição grega conserva o registro de duas delas: a guerra de Micenas contra Tebas e a da coligação micênica dos aqueus contra Tróia, celebrada por Homero em sua *Ilíada*.

Outra questão a se considerar diz respeito ao fato de Homero relatar em seus poemas eventos muito anteriores à sua própria época. Encontram-se fragmentos de acontecimentos que podem ter ocorrido em meados do século XIII até o século VIII a.C. Assim, nessas epopéias se encontram inúmeros cantos que fazem referência a momentos distintos da história grega, desde um passado glorioso a um presente que se apresenta conflituoso. Por isso é que se contesta a real existência de Homero e a legitimidade de suas obras. Ainda que a tradição o tenha adotado como o autor da *Ilíada* e a *Odisséia*, há várias dúvidas quanto à sua real existência. Questiona-se se o poeta criou algo novo ou foi só o relator de mitos preexistentes. Não obstante, a principal questão que se coloca entre os estudiosos – por exemplo, Vico e Wolf, é se teria sido ou não Homero o

autor de ambas as obras, pois é visível que a *Ilíada* e *Odisséia* dizem respeito a períodos distintos da história grega.

A poesia épica e seu fundamento educativo

É com Homero que aparecem os primeiros registros sobre educação, que constituem as bases ou a gênese da futura história da educação. A importância universal dos gregos como educadores deriva da sua concepção do lugar que o indivíduo devia ocupar na sociedade.

Para uma maior compreensão desse processo, costuma-se dividir a educação grega em dois períodos: o chamado período homérico e o período histórico. Foi no primeiro período que se desenvolveu o sistema educacional, herdado pelas gerações posteriores. Nesta época a educação era voltada, sobretudo para a prática de atividades físicas, e consistia essencialmente no treino de atividades práticas definidas. Importa lembrar que a educação do chamado período homérico não tinha nenhuma organização institucional específica. Os ensinamentos sobre aquilo que era minimamente necessário para a vida eram aprendidos em casa, no convívio familiar e com pessoas próximas: os jovens aprendiam aquilo que lhes seria imprescindível nas práticas da vida adulta. As guerras, os conselhos, as assembléias, o convívio eram situações em que eles entravam em contato com aquilo que era preciso saber no que diz respeito à vida pública.

Não obstante, além das atividades físicas, a educação homérica trouxe consigo a gênese da teoria do desenvolvimento da personalidade, o que compreendia um duplo ideal formativo: o homem de ação e de sabedoria, o que se constituiu no núcleo da educação grega.

Homero, no dizer de Platão, foi “o educador da Grécia”. De fato, Homero deu ao povo grego, juntamente com a paidéia, a língua, as artes e a fé religiosa nos deuses olímpicos. A *Ilíada* e a *Odisséia* são os textos de base da paidéia grega. Nos mitos homéricos encontram-se personagens de extrema bravura, honestidade, sabedoria e um elevado senso de justiça, do que são exemplos Aquiles, Ulisses e Heitor, os quais se tornaram heróis modelares para os gregos, que deveriam buscá-los como exemplos a serem seguidos. O homem grego aprende desde a mais tenra idade a respeitar os seus

deuses e a crer em seus mitos. Esse modelo educativo, que recorria a essas histórias - ainda que fantásticas -, objetivava a formação de um cidadão ético, justo e sábio, portanto, do homem aristocrata. Os heróis encontrados na *Iliada* e na *Odisséia* incorporam as características fundamentais do ser humano da época, do seu *ethos*.

Justamente por prescrever regras e determinados modos de viver é que os textos homéricos tornam-se fenômenos estruturadores da cultura grega, fixando-se como o núcleo da educação daquela sociedade. Segundo Jaeger (Jaeger, 1986)

O coração do poeta está com os homens que representam a elevação da sua cultura e costumes, e isso se percebe passo a passo. A contínua exaltação que faz das suas qualidades tem, sem dúvida, uma intenção educativa. (...) A posição e o domínio preeminente dos nobres acarretam a obrigação de estruturar os seus membros desde a mais tenra idade segundo os ideais válidos dentro de seu círculo. A educação converte-se aqui, pela primeira vez, em formação, isto é, na modelação do homem integral de acordo com um tempo fixo. (p. 44-45)

As diferenças sociais, culturais e políticas são explícitas. A *Odisséia*, em relação à *Iliada*, representa uma posteridade histórica. Isso se faz perceptível na organização social da cidade de Ulisses, nos seus modos, na sua polidez, nos costumes e nas tradições. Um exemplo foi a necessidade de a rainha Penélope escolher um novo marido, já que o seu se encontrava desde muitos anos longe da casa. Em todas as relações interpessoais percebe-se que se trata de um povo já mais refinado e politicamente desenvolvido.

Para Jaeger (Jaeger, 1986: 40), o primeiro poema nos apresenta o estado absoluto de guerra, tal como devia ser no tempo das grandes migrações das tribos gregas. A *Iliada* representa um tempo em que os valores ideais estavam centrados na coragem e na honra, incluindo sempre a força bruta; já a *Odisséia* se insere num contexto de paz, retrata o pai e marido que precisa voltar a sua pátria e reassumir o seu papel na família e na sociedade. Enquanto em um momento temos os sentimentos aflorados e o homem guiado sempre pelos seus apetites, no outro o homem já se encontra desenvolvendo a sua razão, e é por ela que ele está destinado a vencer suas dificuldades. A maior arma de Ulisses é a razão, embora não a razão que seria desenvolvida posteriormente pela filosofia, mas uma razão estritamente ligada à

prudência, à engenhosidade, à percepção. Ulisses é astuto e sagaz, e é por meio desses atributos que ele se mantém vivo, como no episódio em que engana Polifemo.

Na *Iliada*, a figura do guerreiro é central. O comportamento do homem não está voltado para a vida pública, em sociedade, mas para suas atitudes na guerra. A figura do herói nesses poemas está sempre inserida em alguma batalha, e o que determina suas virtudes é sua bravura, lealdade, coragem e espírito de liderança. Segundo Jaeger, para o herói a luta e a vitória são a distinção mais alta e o conteúdo próprio da vida.

Os heróis da *Iliada*, que se revelam no seu gosto pela guerra e na sua aspiração à honra como autênticos representantes da sua classe, são, todavia, quanto ao resto da sua conduta, acima de tudo grandes senhores, com todas as suas excelências, mas também com todas as suas imprescindíveis debilidades. É impossível imaginá-los vivendo em paz: pertencem ao campo de batalha. Fora dele só os vemos nas pausas do combate, nas suas refeições, nos seus sacrifícios, nos seus conselhos. (Jaeger, 1986: 41)

O cenário dos poemas é sempre repleto de lutas, em que o mais valente é também o mais respeitado por todos. Pode-se dizer que esse modelo é reflexo da vida daquele tempo e corresponde historicamente a um período em que a civilização ainda não estava consolidada; o homem dessa época se via constantemente em guerra e as tribos migravam sempre e lutavam entre si.

Na *Odisséia* encontra-se um cenário diferente; efetivamente, Ulisses aparece como um rei, um marido e um pai que deseja regressar à sua casa. Nota-se o refinamento de Ulisses e dos pretendentes de Penélope. Por suas manifestações culturais - como o comer, o beber, o cantar ou celebrar - percebe-se quanto o mundo grego já estava. O homem, inclusive na figura do herói, está muito mais centrado em sua casa do que na guerra. Agora ele tem uma terra natal, fixa, onde ele vive envolto em muitos costumes, como as libações que deve fazer aos deuses, ou o respeito à tradição, ou o caso da rainha que teve obrigatoriamente de escolher um novo rei, já que Ulisses estava ausente havia mais de vinte anos. O homem se vê dentro de uma cidade, de uma comunidade onde prevalecem leis jurídicas e regras morais.

Na *Iliada* há o herói na batalha, na *Odisséia* ele aparece depois desta. Diz Jaeger (Jaeger, 1986):

A nobreza da *Odisséia* é uma classe fechada, com intensa consciência dos seus privilégios, do seu domínio e dos seus costumes e modos de vida refinados. Em vez das grandiosas paixões das figuras sobre-humanas e dos trágicos destinos da *Iliada*, deparamos no novo poema com grande número de figuras de estatura mais humana. (p. 43)

Nesses dois poemas vê-se claramente o que Homero concebia como expressão de seu próprio pensamento conjugado com a realidade por ele percebida. Há aqui uma passagem do “primitivo” para o já “civilizado”, em que o guerreiro é substituído pelo cidadão polido. Homero, ao ressaltar as características do herói, enquanto força bruta na *Iliada* e astúcia na *Odisséia*, mostra sua preocupação e o objetivo da sociedade em dois momentos diferentes. A clara mudança do predomínio guerreiro para o cidadão revela um desenvolvimento dentro de um determinado período histórico, apontando para um diferente ideal de homem.

Homero, conforme já mencionado, foi o educador primeiro da Grécia. Ele guiou durante muitos séculos o modo pelo qual os jovens deveriam se comportar e o que deveriam aprender para estarem prontos para a vida em um ambiente coletivo. Mesmo depois de a Grécia procurar sobrepor ao pensamento mítico o pensamento filosófico, as pessoas ainda recorriam aos poemas para idealizar modelos de virtude, justiça e coragem. Quando se procura mostrar homens dignos e merecedores de glória, ontem como hoje, recorre-se às figuras heróicas, como Aquiles e Ulisses no passado e as personagens marcantes de hoje.

Conclusão

Desse modo, por meio de dos mencionados poemas, os quais eram transmitidos pela oralidade através das gerações, criou-se um ideal de homem, produziu-se uma espécie de modelo que deveria ser seguido por todos os homens. Nos mitos homéricos encontramos dois personagens que deveriam nortear a educação dos jovens na Grécia: Aquiles e Ulisses, que correspondem respectivamente, às duas obras atribuídas a

Homero: a *Iliada* e a *Odisséia*. Esses dois personagens representavam um ideal de virtude, bravura, temperança, poder e sabedoria. A figura desses heróis, muitas vezes comparados aos deuses, representava um modelo que deveria ser seguido por todos; os jovens deveriam procurar ser iguais aos seus modelos e era principalmente nisso que consistia a educação homérica. “Para Homero e para o mundo da nobreza desse tempo, a negação da honra era, em contrapartida, a maior tragédia humana. Os heróis tratavam-se mutuamente com respeito e honra consoantes. Assentava nisso toda a sua ordem social.” (Jaeger, 1986: 31)

Esse ideal de um homem que é bravo, astuto, bondoso, piedoso, continua mesmo depois que os ideais filosóficos estão inseridos no contexto grego. Os gregos eram contra aos excessos da vida; um bom homem deveria ser sempre guiado pela temperança, isto é, pela exata medida; nunca deveria errar pela falta ou pelo excesso, tudo deveria ter uma exata medida entre os extremos.

Pode-se concluir que, apesar das diferenças estruturais constatadas na *Iliada* e na *Odisséia*, por meio delas formou-se o ideal pedagógico da Grécia, o que influenciou em todo o pensamento ocidental e perpetuou-se até a contemporaneidade. O modelo completo de homem foi usado para educar milhares de gregos ao longo dos séculos e até hoje os heróis presentes nos mitos são buscados quando se precisa de um exemplo de homem verdadeiro, possuidor de todas as características que compõem o homem perfeito, ideal.

Aquilo que eles concebiam como valores necessários a um homem para viver em sociedade, são alguns dos valores que faltam hoje em dia. Ideais de virtude, temperança e justiça são atributos fundamentais que os jovens deveriam aprender e que hoje faltam na educação. Esses valores não são muito comuns nos tempos modernos e o ensino já não é direcionado para a virtude. Às vezes tem-se a impressão de que esses valores, para muitos dos jovens de hoje, não significam muito, pois não são mais enfatizados no processo pedagógico e correm o perigo de seu sentido esvair-se. Talvez seja o momento de se repensar o ato pedagógico e não se esquecer de vinculá-lo a alguns valores éticos e morais que, ao lado dos valores intelectuais, possam dar um fundamento mais profundo e duradouro ao ato do conhecimento e da formação do futuro adulto, que deve sempre ser agente de ação propositiva na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BALDRY, B. C. **A Grécia Antiga: cultura e vida.** (Trad. Mario Matos e Lemos). Lisboa: Verbo, 1969.
- BLEGEN, C. W. **Tróia e os troianos.** Lisboa: Editorial Verbo, 1966.
- BONNARD, A. **A Civilização Grega.** (Trad. José Saramago). Lisboa: Edições 70, 1980.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- FINLEY, M. I. **O legado da Grécia.** (Trad. Ivette V.P. de Almeida). Brasília: ed.UnB, 1998.
- _____. **Os Gregos Antigos.** (Trad. Arthur Mourão). Lisboa: Edições 70, 1963.
- HAMILTON, E. **A Mitologia.** (Trad. Maria Luisa Pinheiro). Lisboa: Dom Quixote, 1983.
- HOMERO. **A Odisséia.** (Trad. Fernando C. de Araújo Gomes). São Paulo: Ediouro, 2004.
- HOMERO. **Íliada.** (Trad. Carlos A. Nunes). São Paulo: Tecnoprint, s/d.
- JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego.** (Trad. Artur M. Parreira). São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PEREIRA, Maria Helena da rocha. **Estudos de história da cultura clássica.** 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
- ROSTOVTZEFF, M. **História da Grécia.** Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- VERNANT, J. P. **As origens do pensamento grego.** (Trad. Isis B.B. da Fonseca). São Paulo: Difel, 1984.
- _____. **Mito e pensamento entre os gregos.** (Trad. Haiganuch Sarian) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____ e NAQUET, Pierre Vidal. **Mito e tragédia na Grécia antiga.** (Trad. Anna Lia A. de Almeida Prado e outros). São Paulo: Brasiliense, 1988.

Introdução

Hoje muitos se indagam sobre a importância da leitura dos textos clássicos, questionam sua relevância e colocam em pauta se já não podem considerá-los como obras ultrapassadas; mas quando se trata da Grécia Antiga torna-se inevitável a busca pelo auxílio desse tipo de literatura, especialmente dos poemas homéricos *Iliada* e *Odisséia*. Os poemas épicos homéricos são considerados as primeiras obras de literatura grega e abriram portas para outros grandes poemas clássicos. A constituição do mito - vinculado a um passado de glórias -, associado à escrita, contribuiu decisivamente para a formação da literatura grega, como também para as posteriores composições literárias.

Ainda que esse tema possa despertar múltiplas abordagens, é preciso esclarecer que a preocupação deste trabalho será entender a poesia como fenômeno educador fundamental na Grécia Antiga, onde poesia e educação coincidiam, de modo que cantar e ouvir os cantos dos poetas constituíam um método de ensino e se inseriam em uma relação não de apresentador e ouvinte, mas sim, na de educador e educando.

Nesse sentido, a educação grega buscou organizar um ideal de educação que enquadrasse o homem em uma comunidade, formando assim a idéia de cultura, na qual a educação elaborou todo um significado preñado de sentidos que seriam absorvidos pela cultura ocidental.

Segundo Jaeger (Jaeger, 1986: 4) “toda educação resulta da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana. A educação participa da vida e do crescimento da sociedade, no seu desenvolvimento tanto exterior quanto espiritual.”

Ao abordar neste texto a importância da leitura de tais obras, o nosso objetivo é destacar quão importantes são esses poemas enquanto meios de acesso ao conhecimento das antigas tradições gregas e ao modo como elas se tornaram a base da formação da cultura daquela civilização, a qual serviu de exemplo para muitos povos posteriores, entre eles o nosso.

Não se sabe com certeza quando foram escritas originalmente a *Iliada* e a *Odisséia*, mas no século VI a.C. já havia muitas cópias escritas dos dois poemas, os quais se tornaram extremamente populares e assim preservaram a história da cultura e do ideal educacional da Grécia Antiga, tornando possível que sejam estudados ainda na atualidade. A educação ocidental, desde o seu nascimento até hoje, recebe influências desse modo grego de educar. Tais influências não se restringem ao campo educacional, mas, abrange os da política, da arte e muitos outros.

O surgimento da escrita e a formação histórica da *Ilíada* e da *Odisséia*

A *Ilíada* e a *Odisséia*, cuja autoria é atribuída a Homero, são tidas como os mais antigos documentos de literatura grega. Ambas fazem referência a um tempo histórico que compreende o período entre os séculos IX e VIII a.C., em que se destacam como fatos significativos o estabelecimento gradual da *polis* e o domínio da escrita. Esses acontecimentos foram fundamentais na estruturação da *Ilíada* e da *Odisséia*. A discussão sobre esses poemas gregos arcaicos traz como exigência traçar, ainda que resumidamente, um esboço histórico de como se constituiu o povo grego até a formação da cultura micênica, que proporcionou o surgimento dessas epopéias.

Os gregos fazem parte de um conjunto de povos denominados Indo-Europeus, que a partir do terceiro milênio migraram em diversas direções. Alguns deles se direcionaram para a Ásia e outros permaneceram na Europa, tal como afirma Brandão (Brandão, 1997: 45). Essas migrações proporcionaram a independência dos vários grupos assim constituídos, os quais, como nômades, desenvolveram distintas expressões lingüísticas e culturais. No que diz respeito aos gregos e à sua composição, pode-se afirmar que aqueles que habitaram a Hélade e ficaram conhecidos como helenos formaram-se por quatro povos: jônios, aqueus, eólios e dórios. Esses chegaram à Grécia em séculos distintos, tendo cada um deles uma organização social e cultura diferentes.

Dentre esses povos, o que mais nos interessa aqui são os aqueus, que invadiram a Grécia por volta de 1600 a 1580 a.C. Os aqueus dominaram Creta, que era a grande potência política e econômica da época. Os habitantes de Creta, os cretenses, eram o antigo povo jônio, e já tinham desenvolvido toda uma organização social, cultural e política e consideráveis habilidades marítimas, que lhes permitiram relações comerciais muito significativas. Com a invasão de Creta pelos aqueus e a assimilação de sua cultura, origina-se a civilização micênica.

O período denominado micênico é uma subdivisão temporal da chamada Idade do bronze, também conhecida por período Heládico final. Essa cultura desenvolveu-se por volta de 1600 a.C e 1050 a.C, e dominou econômica e culturalmente todos os povos do Mediterrâneo Oriental. Sua mais importante contribuição foi o desenvolvimento do dialeto jônio, que proporcionou o surgimento da *Ilíada* e da *Odisséia*. Os micênicos utilizavam uma forma de escrita denominada Linear B, que foi desenvolvida a partir da escrita utilizada anteriormente em Creta, conhecida como Linear A. A escrita do período micênico é usada somente para registros, em listas de funcionários ou

trabalhadores ou para fins administrativos, como nos assevera Baldry (Baldry, 1969: 29).

Com as invasões dórias, por volta do século XII a.C., a civilização micênica foi destruída e a escrita desapareceu, assim como o comércio e as artes.

Desapareceu a arte da escrita, os centros poderosos ruíram, as guerras insignificantes eram permanentes, tribos e grupo pequenos deslocaram-se dentro da Grécia e para leste, atravessando o Mar Egeu em direção a Ásia Menor, e os níveis material e cultural empobreceram em todos os aspectos, se comparados a civilização micênica. (Finley, 1998: 14)

Os aqueus regressam a Ásia Menor expulsos pelos seus novos conquistadores, os dórios. De acordo com Brandão (Brandão, 1997: 105) os aqueus assim como os jônios e os eólios voltam a Ásia como suplicantes, como imigrantes nostálgicos que cultuavam o seu passado de glórias. Mesmo voltando vencidos a terra que seus antepassados conquistaram, esses povos levavam consigo esse sentimento de orgulho referente às antigas conquistas e ao passado cheio de riquezas.

O período denominado Idade das Trevas da Grécia corresponde a um momento de retrocesso tanto cultural como social ou econômico. Nessa época os poemas homéricos tornaram-se fundamentais na vida cotidiana, enquanto instrumentos para incitar à coragem, à esperança e à preservação de valores tradicionais.

Destarte, foi nesse cenário de conflitos e contradições, próprios de um período de transição, que a *Ilíada* e a *Odisséia* foram transformadas pelos aedos e poetas em veículos das lembranças e do orgulho, remetendo seus jovens a uma descendência heróica da qual eles podiam se orgulhar e que até mesmo servia como acalento em períodos de lutas, de escassez de alimentos ou em condições difíceis de qualquer ordem.

Os poemas homéricos eram transmitidos oralmente, os versos da *Ilíada* e da *Odisséia* foram cantados pelos aedos e pelos poetas, geração após geração, reproduzindo os valores fundamentais para aquela comunidade. Segundo Finley (Finley, 1998: 17), por detrás da *Ilíada* e da *Odisséia* há séculos de poesia oral, composta, recitada e transmitida por bardos profissionais, sem o auxílio de uma só palavra escrita.

Devido a essa oralidade a poesia estava sempre em constante movimento e crescimento, pois cada um que cantava o poema o fazia ao seu particular modo, acrescentando algumas coisas e modificando outras. De acordo com Brandão (Brandão, 1997: 118), a poesia micênica não é, de modo algum, estática. Sem o apelo à escrita, sendo somente preservada pela memória, ela se torna suscetível de mudanças. Nos

dizeres de Baldry (Baldry, 1969: 30), a recordação do antigo em conjunção com a necessidade de improvisar um novo material torna-se a característica principal da narrativa de Homero. A estrutura hexâmetra, que possivelmente nunca foi usada na fala corrente, foi adaptada pelos cantores para seguir uma estrutura métrica, resultando no verso hexâmetro.

Vale lembrar que as epopéias homéricas retratam em seus cantos a vida, os costumes, a organização, entre tantas outras características da população micênica, sendo fontes básicas para o estudo dessa civilização. Privilegiadas, neste sentido, são as informações sobre guerreiros e famílias aristocratas que buscavam sua ascendência até um fundador herói ou de procedência divina. Essa atribuição de poder por meio de uma ascendência heróica ou divina pode ser facilmente observável em muitas passagens da *Ilíada*. Segundo Rostovtzeff (Rostovtzeff, 1986: 52), a tradição grega conserva o registro de duas delas: a guerra de Micenas contra Tebas e a da coligação micênica dos aqueus contra Tróia, celebrada por Homero em sua *Ilíada*.

Outra questão a se considerar diz respeito ao fato de Homero relatar em seus poemas eventos muito anteriores à sua própria época. Encontram-se fragmentos de acontecimentos que podem ter ocorrido em meados do século XIII até o século VIII a.C. Assim, nessas epopéias se encontram inúmeros cantos que fazem referência a momentos distintos da história grega, desde um passado glorioso a um presente que se apresenta conflituoso. Por isso é que se contesta a real existência de Homero e a legitimidade de suas obras. Ainda que a tradição o tenha adotado como o autor da *Ilíada* e a *Odisséia*, há várias dúvidas quanto à sua real existência. Questiona-se se o poeta criou algo novo ou foi só o relator de mitos preexistentes. Não obstante, a principal questão que se coloca entre os estudiosos – por exemplo, Vico e Wolf, é se teria sido ou não Homero o autor de ambas as obras, pois é visível que a *Ilíada* e *Odisséia* dizem respeito a períodos distintos da história grega.

A poesia épica e seu fundamento educativo

É com Homero que aparecem os primeiros registros sobre educação, que constituem as bases ou a gênese da futura história da educação. A importância universal dos gregos como educadores deriva da sua concepção do lugar que o indivíduo devia ocupar na sociedade.

Para uma maior compreensão desse processo, costuma-se dividir a educação grega em dois períodos: o chamado período homérico e o período histórico. Foi no

primeiro período que se desenvolveu o sistema educacional, herdado pelas gerações posteriores. Nesta época a educação era voltada, sobretudo para a prática de atividades físicas, e consistia essencialmente no treino de atividades práticas definidas. Importa lembrar que a educação do chamado período homérico não tinha nenhuma organização institucional específica. Os ensinamentos sobre aquilo que era minimamente necessário para a vida eram aprendidos em casa, no convívio familiar e com pessoas próximas: os jovens aprendiam aquilo que lhes seria imprescindível nas práticas da vida adulta. As guerras, os conselhos, as assembléias, o convívio eram situações em que eles entravam em contato com aquilo que era preciso saber no que diz respeito à vida pública.

Não obstante, além das atividades físicas, a educação homérica trouxe consigo a gênese da teoria do desenvolvimento da personalidade, o que compreendia um duplo ideal formativo: o homem de ação e de sabedoria, o que se constituiu no o núcleo da educação grega.

Homero, no dizer de Platão, foi “o educador da Grécia”. De fato, Homero deu ao povo grego, juntamente com a *paidéia*, a língua, as artes e a fé religiosa nos deuses olímpicos. A *Ilíada* e a *Odisséia* são os textos de base da *paidéia* grega. Nos mitos homéricos encontram-se personagens de extrema bravura, honestidade, sabedoria e um elevado senso de justiça, do que são exemplos Aquiles, Ulisses e Heitor, os quais se tornaram heróis modelares para os gregos, que deveriam buscá-los como exemplos a serem seguidos. O homem grego aprende desde a mais tenra idade a respeitar os seus deuses e a crer em seus mitos. Esse modelo educativo, que recorria a essas histórias - ainda que fantásticas -, objetivava a formação de um cidadão ético, justo e sábio, portanto, do homem aristocrata. Os heróis encontrados na *Ilíada* e na *Odisséia* incorporam as características fundamentais do ser humano da época, do seu *ethos*.

Justamente por prescrever regras e determinados modos de viver é que os textos homéricos tornam-se fenômenos estruturadores da cultura grega, fixando-se como o núcleo da educação daquela sociedade. Segundo Jaeger (Jaeger, 1986)

O coração do poeta está com os homens que representam a elevação da sua cultura e costumes, e isso se percebe passo a passo. A contínua exaltação que faz das suas qualidades tem, sem dúvida, uma intenção educativa. (...) A posição e o domínio preeminente dos nobres acarretam a obrigação de estruturar os seus membros desde a mais tenra idade segundo os ideais válidos dentro de seu círculo. A educação converte-se aqui, pela primeira vez, em formação, isto é, na modelação do homem integral de acordo com um tempo fixo. (p. 44-45)

As diferenças sociais, culturais e políticas são explícitas. A *Odisséia*, em relação à *Ilíada*, representa uma posteridade histórica. Isso se faz perceptível na organização social da cidade de Ulisses, nos seus modos, na sua polidez, nos costumes e nas tradições. Um exemplo foi a necessidade de a rainha Penélope escolher um novo marido, já que o seu se encontrava desde muitos anos longe da casa. Em todas as relações interpessoais percebe-se que se trata de um povo já mais refinado e politicamente desenvolvido.

Para Jaeger (Jaeger, 1986: 40), o primeiro poema nos apresenta o estado absoluto de guerra, tal como devia ser no tempo das grandes migrações das tribos gregas. A *Ilíada* representa um tempo em que os valores ideais estavam centrados na coragem e na honra, incluindo sempre a força bruta; já a *Odisséia* se insere num contexto de paz, retrata o pai e marido que precisa voltar a sua pátria e reassumir o seu papel na família e na sociedade. Enquanto em um momento temos os sentimentos aflorados e o homem guiado sempre pelos seus apetites, no outro o homem já se encontra desenvolvendo a sua razão, e é por ela que ele está destinado a vencer suas dificuldades. A maior arma de Ulisses é a razão, embora não a razão que seria desenvolvida posteriormente pela filosofia, mas uma razão estritamente ligada à prudência, à engenhosidade, à percepção. Ulisses é astuto e sagaz, e é por meio desses atributos que ele se mantém vivo, como no episódio em que engana Polifemo.

Na *Ilíada*, a figura do guerreiro é central. O comportamento do homem não está voltado para a vida pública, em sociedade, mas para suas atitudes na guerra. A figura do herói nesses poemas está sempre inserida em alguma batalha, e o que determina suas virtudes é sua bravura, lealdade, coragem e espírito de liderança. Segundo Jaeger, para o herói a luta e a vitória são a distinção mais alta e o conteúdo próprio da vida.

Os heróis da *Ilíada*, que se revelam no seu gosto pela guerra e na sua aspiração à honra como autênticos representantes da sua classe, são, todavia, quanto ao resto da sua conduta, acima de tudo grandes senhores, com todas as suas excelências, mas também com todas as suas imprescindíveis debilidades. É impossível imaginá-los vivendo em paz: pertencem ao campo de batalha. Fora dele só os vemos nas pausas do combate, nas suas refeições, nos seus sacrifícios, nos seus conselhos. (Jaeger, 1986: 41)

O cenário dos poemas é sempre repleto de lutas, em que o mais valente é também o mais respeitado por todos. Pode-se dizer que esse modelo é reflexo da vida daquele tempo e corresponde historicamente a um período em que a civilização ainda

não estava consolidada; o homem dessa época se via constantemente em guerra e as tribos migravam sempre e lutavam entre si.

Na *Odisséia* encontra-se um cenário diferente; efetivamente, Ulisses aparece como um rei, um marido e um pai que deseja regressar à sua casa. Nota-se o refinamento de Ulisses e dos pretendentes de Penélope. Por suas manifestações culturais - como o comer, o beber, o cantar ou celebrar - percebe-se quanto o mundo grego já estava. O homem, inclusive na figura do herói, está muito mais centrado em sua casa do que na guerra. Agora ele tem uma terra natal, fixa, onde ele vive envolto em muitos costumes, como as libações que deve fazer aos deuses, ou o respeito à tradição, ou o caso da rainha que teve obrigatoriamente de escolher um novo rei, já que Ulisses estava ausente havia mais de vinte anos. O homem se vê dentro de uma cidade, de uma comunidade onde prevalecem leis jurídicas e regras morais.

Na *Iliada* há o herói na batalha, na *Odisséia* ele aparece depois desta. Diz Jaeger (Jaeger, 1986):

A nobreza da *Odisséia* é uma classe fechada, com intensa consciência dos seus privilégios, do seu domínio e dos seus costumes e modos de vida refinados. Em vez das grandiosas paixões das figuras sobre-humanas e dos trágicos destinos da *Iliada*, deparamos no novo poema com grande número de figuras de estatura mais humana. (p. 43)

Nesses dois poemas vê-se claramente o que Homero concebia como expressão de seu próprio pensamento conjugado com a realidade por ele percebida. Há aqui uma passagem do “primitivo” para o já “civilizado”, em que o guerreiro é substituído pelo cidadão polido. Homero, ao ressaltar as características do herói, enquanto força bruta na *Iliada* e astúcia na *Odisséia*, mostra sua preocupação e o objetivo da sociedade em dois momentos diferentes. A clara mudança do predomínio guerreiro para o cidadão revela um desenvolvimento dentro de um determinado período histórico, apontando para um diferente ideal de homem.

Homero, conforme já mencionado, foi o educador primeiro da Grécia. Ele guiou durante muitos séculos o modo pelo qual os jovens deveriam se comportar e o que deveriam aprender para estarem prontos para a vida em um ambiente coletivo. Mesmo depois de a Grécia procurar sobrepor ao pensamento mítico o pensamento filosófico, as pessoas ainda recorriam aos poemas para idealizar modelos de virtude, justiça e coragem. Quando se procura mostrar homens dignos e merecedores de glória, ontem

como hoje, recorre-se às figuras heróicas, como Aquiles e Ulisses no passado e as personagens marcantes de hoje.

Conclusão

Desse modo, por meio de dos mencionados poemas, os quais eram transmitidos pela oralidade através das gerações, criou-se um ideal de homem, produziu-se uma espécie de modelo que deveria ser seguido por todos os homens. Nos mitos homéricos encontramos dois personagens que deveriam nortear a educação dos jovens na Grécia: Aquiles e Ulisses, que correspondem respectivamente, às duas obras atribuídas a Homero: a *Iliada* e a *Odisséia*. Esses dois personagens representavam um ideal de virtude, bravura, temperança, poder e sabedoria. A figura desses heróis, muitas vezes comparados aos deuses, representava um modelo que deveria ser seguido por todos; os jovens deveriam procurar ser iguais aos seus modelos e era principalmente nisso que consistia a educação homérica. “Para Homero e para o mundo da nobreza desse tempo, a negação da honra era, em contrapartida, a maior tragédia humana. Os heróis tratavam-se mutuamente com respeito e honra consoantes. Assentava nisso toda a sua ordem social.” (Jaeger, 1986: 31)

Esse ideal de um homem que é bravo, astuto, bondoso, piedoso, continua mesmo depois que os ideais filosóficos estão inseridos no contexto grego. Os gregos eram contra aos excessos da vida; um bom homem deveria ser sempre guiado pela temperança, isto é, pela exata medida; nunca deveria errar pela falta ou pelo excesso, tudo deveria ter uma exata medida entre os extremos.

Pode-se concluir que, apesar das diferenças estruturais constatadas na *Iliada* e na *Odisséia*, por meio delas formou-se o ideal pedagógico da Grécia, o que influenciou em todo o pensamento ocidental e perpetuou-se até a contemporaneidade. O modelo completo de homem foi usado para educar milhares de gregos ao longo dos séculos e até hoje os heróis presentes nos mitos são buscados quando se precisa de um exemplo de homem verdadeiro, possuidor de todas as características que compõem o homem perfeito, ideal.

Aquilo que eles concebiam como valores necessários a um homem para viver em sociedade, são alguns dos valores que faltam hoje em dia. Ideais de virtude, temperança e justiça são atributos fundamentais que os jovens deveriam aprender e que hoje faltam na educação. Esses valores não são muito comuns nos tempos modernos e o ensino já não é direcionado para a virtude. Às vezes tem-se a impressão de que esses valores, para muitos dos jovens de hoje, não significam muito, pois não são mais

ênfatisados no processo pedagógico e correm o perigo de seu sentido esvair-se. Talvez seja o momento de se repensar o ato pedagógico e não se esquecer de vinculá-lo a alguns valores éticos e morais que, ao lado dos valores intelectuais, possam dar um fundamento mais profundo e duradouro ao ato do conhecimento e da formação do futuro adulto, que deve sempre ser agente de ação propositiva na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BALDRY, B. C. **A Grécia Antiga: cultura e vida**. (Trad. Mario Matos e Lemos). Lisboa: Verbo, 1969.
- BLEGEN, C. W. **Tróia e os troianos**. Lisboa: Editorial Verbo, 1966.
- BONNARD, A. **A Civilização Grega**. (Trad. José Saramago). Lisboa: Edições 70, 1980.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- FINLEY, M. I. **O legado da Grécia**. (Trad. Ivette V.P. de Almeida). Brasília: ed.UnB, 1998.
- _____. **Os Gregos Antigos**. (Trad. Arthur Mourão). Lisboa: Edições 70, 1963.
- HAMILTON, E. **A Mitologia**. (Trad. Maria Luisa Pinheiro). Lisboa: Dom Quixote, 1983.
- HOMERO. **A Odisséia**. (Trad. Fernando C. de Araújo Gomes). São Paulo: Ediouro, 2004.
- HOMERO. **Ilíada**. (Trad. Carlos A. Nunes). São Paulo: TecnoPrint, s/d.
- JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. (Trad. Artur M. Parreira). São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura clássica**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
- ROSTOVITZ, M. **História da Grécia**. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- VERNANT, J. P. **As origens do pensamento grego**. (Trad. Isis B.B. da Fonseca). São Paulo: Difel, 1984.
- _____. **Mito e pensamento entre os gregos**. (Trad. Haiganuch Sarian) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. e NAQUET, Pierre Vidal. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. (Trad. Anna Lia A. de Almeida Prado e outros). São Paulo: Brasiliense, 1988.